

* Capítulo inédito do romance *A Quinta Expedição* a ser lançado pela Vozes quando das comemorações do centenário da primeira edição de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, em 2002.

** O autor já publicou os ensaios: *O Treme-Terra-Moreira César*, *A República e Canudos*, *Lampião na Bahia*, *Uauá-Terra dos Vagalumes* e o romance *da saga garimpeira Cristais em Chamas*.

CORTEJO DE DESVENTURADOS *

Oleone Coelho Fontes**

A povoação sagrada reedificada por Antônio Conselheiro apruma-se no coração de mosaico de trilhas que a ligam aos mais longínquos pontos da Bahia e estados brasileiros. Pelas estradas de Uauá e da Canabrava chega-se ao rio São Francisco, a Juazeiro na Bahia, a Petrolina em Pernambuco, ao Nordeste, ao Norte, ao Sul do país. As estradas do Cambaio e do Calumbi são eixos de junção usual e cotidiana com Monte Santo, através das quais se pode continuar até a ferrovia, em Queimadas. É pela estrada do Rosário, cruzando pelo Cumbe, que se tem o ensejo de prosseguir até Tucano, daqui para Alagoínhas, Serrinha e capital do Estado. A estrada da Santíssima Trindade, também alcunhada de Sagrada ou do Cascudeiro, interliga dois solos santificados o Belo Monte e Massacará. A estrada de Jeremoabo possibilita habitantes destas quadraturas continuarem em jornada para o litoral, via capital do Estado de Sergipe. Pela estrada da Várzea da Ema cristãos do Capim Grosso, às margens do grande caminho aquático da civilização brasileira, vão dar no Belo Monte. Ou deste retiram-se.

Tais veredas, após as primeiras vitórias das armas jagunços sobre as milícias republicanas, sobretudo em seguida à Expedição Moreira César fevereiro, março de 1897 -, a terceira enviada para exterminar o povoado rebelde, converteram-se em vias-sacras atravancadas de miserentos peregrinos. O deslocamento abalou e desestruturou o equilíbrio urbano e rural dos sertões do trato em tela, deixando inúmeras cidades, vilas e povoações na quase totalidade despovoadas, entregues aos urubus, gaviões, carcarás, raposas e bichos outros igualmente famélicos.

Magotes de homens, mulheres, crianças e animais atulharam estradas, atalhos, sendas, veredas, trilhas e picadas que deságuam na Meca do iluminado

pescador de homens, na qual esperavam achar refrigério para o espírito, garantia de vida eterna no Além, abastança de cuscuz e leite para as entranhas, alento para martírios, privações e angústias do dia a dia. Levavam, como podiam, apetrechos em baús, cestos, mochilas, balaios, canastras, malas, sacos de couro, surrões, bisacos e bornais em carroças, equilibrados na cabeça ou pendurados nas costas, criancinhas escanchadas nos quadris, quando não cabiam nos caçuás ou se choramingavam ao serem colocadas nos carros-de-bois.

Se tivesse perambulado por outros sítios, como exigia sua insaciável fome de conhecimento por temas esquisitos, o professor T. O . Beebee teria testemunhado uma das grandes migrações humanas registradas pela História da Humanidade. Comparável, grosso modo, ao êxodo dos judeus de que fala a Bíblia e à movimentação de nordestinos para a Amazônia e Sul do país nas corridas respectivamente para os seringais e fazendas de café de São Paulo.

Préstitos de miseráveis, vítimas, todos eles, de dolorosos padecimentos, esperançosos de um revertério miraculoso, despojavam-se de seus bens e metiam as alpercatas na estrada, não importavam condições e qual a distância de seu burgo, até a cidade sacrossanta, entoando preces, benditos, ladainhas e excelências para mortos e sepultados em toda a extensão da marcha.

Teria entrevisto almocreves (também chamados recoveiros, tropeiros e bufarinheiros, levando seus arrieiros e tangerinos), com os caçuás dos burros frugais em mercadorias, ciganos (fazendo a troca de vida errante e construída de embuste e rapacidade pelo sedentarismo virtuoso), mercadores ambulantes de fumo de corda, ex-senhores de engenho falidos com a abolição do elemento servil, traficantes de armas para chefes jagunços procedentes das Lavras Diamantinas (à procura de novos mercados), pescadores do rio São Francisco (com suas redes, tarrafas, anzóis, grozeiras, linhas, varas, cofos e talas), aspirando encontrar no Vaza-Barris réplica em miniatura do clássico caminho fluvial

sertanejo, mocambeiros, vaqueiros, capatazes e administradores de latifúndios (inconformados de receber, em pagamento, um quarto da produção, relegando propriedades ao abandono, animais à inanição e à verminose, patrões ao Deus-dará), passadores (homens de confiança de boiadeiros, encarregados de comercializar o todo ou unidades), caixeiros-viajantes (ou cometas), carroceiros, contrabandistas de aguardente, vinagre e drogas farmacêuticas, artistas de circos decadentes, cegos, aleijados, vítimas de congestão cerebral e paralisia infantil, em cadeiras de roda, carregados em bangüês e tipóias, portadores de doenças oriundas da picada do barbeiro, coxos, mancos, tortos, alcoólatras, leprosos (marginalizados em pequenos grupos, ocultos por grandes chales e capas coloniais, mães de meninos sadios temerosas pelos filhos, farejados pelos emissários de papa-figos), doentes de elefantíase (portadores de enormes úlceras expostas, exibindo-as, perseguidas pelas moscas; feridas e esfoladuras purulentas pelo contágio com a poeira), esperançosos, todos eles, de serem curados pelo milagroso Santo Antônio Aparecido (receiosos porém do futuro, pois se lhes fossem saradas as deformidades, curados os aleijões, perderiam sua única e básica fonte de renda), cantadores, violeiros (de viola, óculos, chapéu quebrado na testa, espingarda à tiracolo, em forma da canga), repentistas e fogueteiros (felizes porque levavam alegria a almas desesperançadas), saltimbancos, falsos farmacêuticos (agentes da morte de pacientes que usaram falsas drogas e falsas fórmulas), mágicos de feira, prestidigitadores, meretrizes, lésbicas e homossexuais (arrepentidos umas e outros, determinados a mudar de vida, constituir família, criar filhos, ajustar-se socialmente), clérigos sessentões possuídos pelo demônio meridiano (afundados na depravação, na corrupção e na luxúria) vendilhões de indulgência, propensos a confessar pecados a um beato (não considerando a decisão desobediência a preceitos eclesiásticos porquanto Jesus, também Ele, fora um beato), praticantes de bestialidade, ex-cangaceiros militantes das hostes de Jesuino Brilhante (escapados da Justiça, torturados pelo remorso já que não foram chamados a pagar pelas atrocidades praticadas), fugitivos de penitenciárias, pedreiros, carpinteiros e mestres de obra (dispostos a

fornecer de graça sua experiência profissional para que Antônio dos Mares continuasse na faina de reformar e construir templos, cemitérios, aguadas), ermitães (cujas túnicas encobriam cilícios das auto-mortificações que lhes vincaram o corpo, portando santos crucifixos e imagens da Virgem Maria pendurados no pescoço), jagunços de aluguel, proxenetas, praticantes da magia negra, anacoretas (que viveram anos no interior de grutas e cavernas em familiaridade com animais ferozes e peçonhentos, alimentando-se de folhas e raízes, barbas cobrindo-lhes o umbigo), andarilhos desnorreados, oleiros do Recôncavo, epiléticos (ansiosos por libertarem-se dos ataques de gota-serena), portadores de doenças não classificadas pela Medicina (em busca das maravilhas curativas manipuladas por Manuel Quadrado, o medicastro do Belo Monte), herbanários, prestamistas (promotores de sem-número de clientes levados à pobreza e ao suicídio), caçadores, parteiras, amansadores de animais brabos, lenhadores, cambiteiros, donos de espelunca (agentes de óbito de viciados no álcool desdobrado), sicários (com o número de fuzilados assinalados, a canivete, na coronha do bacamarte), membros de irmandade auto-flagelante de Juazeiro da Bahia (vincados de sangue pisado dos açoites dos látigos de ponta de ferro no tórax e nas costas), ex-barões, ex-viscondes, ex-conselheiros e ex-comendadores da Monarquia (caídos em desgraça com o advento da República, saudosistas, procurando refúgio no Império do Belo Monte, onde espreitavam viver compensados pela perda dos títulos e das excelências usufruídos nos tempos da nobreza e da fidalguia), vigaristas, quiromantes, pais-de-santo, estelionatários, adúlteras e adúlteros, falsos e piolhosos beatos e conselheiros que não vingaram (suas prédicas e conselhos não convenceram), adivinhos, aguadeiros (calças arregaçadas, tangendo jumentos, nas cangalhas dos quais, pendurados em ganchos, rangiam carotes), ex-remadores de barcos que singram as águas do São Francisco (exibindo tumores crônicos no ombro, de anos ali apoiando o remo), maquinistas de locomotivas maria-fumaça, calceteiros, carpideiras (antevendo o ensejo de ganhos promissores, já que imensa a quantidade cotidiana de óbitos em Canudos), tocadores profissionais de harmônica, rabeça, concertina e gaita de

taquara, contadores de estórias de Trancoso, benzedores, rezadores, mezinheiros, pitonisas, indígenas das reservas de Abaré, Massacará, Natuba, Mirandela, Banzaê e Rodelas (praticantes de canibalismo, indo confessar ao Senhor do Bonfim terem devorado, na guerra e na paz, maior número de prisioneiros inimigos do que o de habitantes existentes no sacro povoado), desertores da Força Pública, Marinha e Exército, coveiros de cemitérios (useiros e vezeiros na prática de necrofilia), curandeiros e curadores de rastro (cuja rezas fazem cair bicheiras de animais), possessos, encomendadores de alma (de cogulas brancas usadas à meia-noite, guiados por grande cruz, zanzando pelo mato, entoando jaculatórias, cópias fiéis de almas penadas, assombrando família), numerologistas, surdos-mudos, velhacos, rábulas, pedristas, garimpeiros (das lavras e ferrovias), cassacos, impostores, fundadores de seitas (fracassadas nos primeiros cultos), ex-escravos denominados Treze de Maio e Carijés assim como negros egressos dos quilombos de São Tomé e Laje dos Negros (Campo Formoso) e Lagarto (Vila Nova da Rainha), bandidos façanhudos (em companhia de suas ex-vítimas estigmatizadas no rosto com ferro em brasa, arrependidos e perdoados), ourives, magarefes, artífices, trapaceiros, falsos apóstolos, falsos profetas, santeiros, calafates, papa-defuntos (tábuas de caixões empilhados em carroças e que, em alguns minutos, são armadas com apenas uma dúzia de marteladas), guarda-freios, rbdomantes, pagadores de promessa (gemendo ao peso de desproporcionais madeiros, pontilhando caminhos com suores de sangue), maltrapilhos e esfarrapados, perjuros, biltres, menstréis errantes que, à noite, retiravam a viola do saco, repinicavam ponteios chorosos que alentavam tanto quanto cavavam fundo saudades em corações compassivos. Enquanto isso, fornicadores, ralando-se de lascívia, tiravam partido das sombras a fim de praticarem atos condenáveis como felação e cunilínguas, despedindo-se de mundo depravado, prestes a ser deixado para trás quando arrojassem a carcaça no venerável arraial onde a norma é a reverência aos cânones da família e da cristandade imposta pela decência de um austero demiurgo...

Os flagelados implantavam terror onde quer que armassem suas tendas, de preferência próximas a rios, aguadas, caldeirões e aglomeramentos urbanos. Não pediam, exigiam esmolas, donativos e rancho e quando súplicas, dádivas e acolhidas eram recusadas, passavam do rogo à rapinagem: assaltavam, saqueavam, depredavam, ateavam incêndios em casebres, casas, cercados, currais, chiqueiros, mobílias, matavam, destruíam. À menção de que se aproximavam era razão de comunidades inteiras abandonarem lares, ocultarem-se no mato, nas tocas, encarapitar-se nos pés e picos de serra, carregando trecos, cacos, tralhas e cacarecos. A fuga era pretexto para vingança. Quando as famílias retornavam, viam-se obrigadas a reconstruir tijolo por tijolo o que vândalos endemoninhados botaram abaixo sem dó nem piedade.

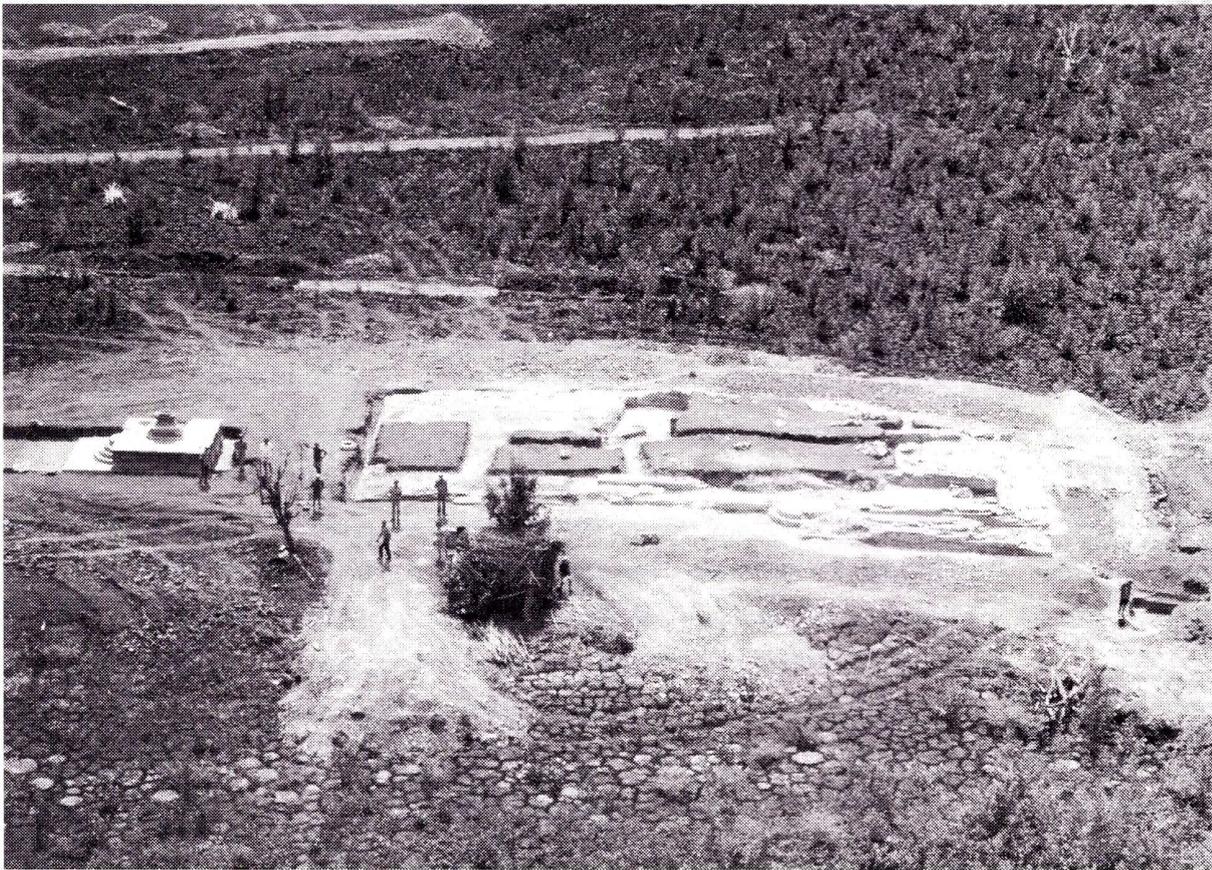
Ao abandonarem os pousos, hordas de esmolambados deixavam atrás de si rastilhos fétidos e pestilentos, rescaldos de fogueiras, fezes, urina e sangue de menstruação mesclados com trapos emporcalhados, carroças e carros-de-bois inutilizados, redes e vestes em frangalhos, carcassas e ossos de animais abatidos, detritos de alimentos, frandulagens. Os espojadores eram invadidos por baratas, ratos, formigas, muquiranas, moscas varejeiras, cães, porcos e raposas esfaimadas. Urubus adivinhando carniça desciam em queda livre, das alturas, asas semi-fechadas para mais rapidamente atingir os despojos, voracidade que redundava em brigas e esporcadas em grupo, apesar da fartura de matéria em putrefação.

Mortos povoavam os sertões de rústicas cruces de madeira, umas cuidadosamente dispostas, outras talhadas às pressas, desmanchadas às primeiras lufadas. Caminhantes benziam-se e faziam o pelo-sinal diante de tantos braços abertos, pequenos Cristos acenando e pedindo conciliação e solidariedade para mundo edificado sobre pilares da depravação e da desonestidade, de que somente escapariam os que se asilassem debaixo do sambenito do monge do Belo Monte.

Dia e noite procissões de paupérrimos, dignas de misericórdia e compaixão, emitiam rogos, queixumes, choros histéricos, gritos de injúria, pedidos lamurientos, os esfaimados catando na areia quaisquer sementes, restos ou grãos, raspando tudo devorável com unhas crescidas, ciscando monturos de terra seca e paupérrima. Trevas davam lugar a abjeta promiscuidade não sendo poucos os casos de adultérios e incestos que redundavam em lutas e assassinatos e mais cruces. Donzelas eram arrastadas para os ermos e violadas no escuro não reconhecendo o profanador e muitas chegaram prenhas ao arraial santo, abarrotadas de carrapatos e picadas de insetos.

Surto de sarna deixou corpos de flagelados em carne viva, coçando-se sem tréguas. Bichos-de-pé foram também motivos de óbitos pois redundaram em gangrenas e inchações de pernas já por si tão inchadas, contribuindo para que os sertões adquirissem o aspecto de imensa necrópole.

A mais fria assassina foi a cólera. Ainda bem, comentaram os jagunços, do contrário não se tinha como albergar peregrinos aos milhares, vindos de terras a respeito das quais em Canudos jamais se escutou mencionar. Cavalos mortos, ossadas e couros de boi, cabras, bodes, carneiros, ovelhas e caças abatidas, rodas soltas de carroças e carros-de-bois, pés avulsos de chinelos, sapatos e sandálias, pedaços de lona e tecido, obstruíram estradas e infestaram a atmosfera sertaneja de fedentina que durava meses para ser extinta a despeito de faxina levada a cabo em mutirão pelos prejudicados, quando outras levas de desventurados...



O cruzeiro e os alicerces da Igreja Velha ou de Santo Antônio, situados na outra extremidade da praça de Canudos, ressurgem no fundo do açude seco.

FOTO: NILTON SOUZA

FONTE: ARQUIVO DO CEEC/UNEB